

Macedo afirma que plano de Collor depende de apoio político

RIO — O economista Roberto Macedo, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), acha que mesmo que o próximo governo formule um programa de combate à crise tecnicamente correto ele poderá falhar se não tiver respaldo político para a sua aplicação. "Se não houver um envolvimento da classe política com o plano, não se sairá da crise", afirmou Macedo.

Ele, porém, é pessimista quanto a essa possibilidade, pois "o ajuste vai ferir muitos interesses". Além disso, "o Congresso aprova qualquer proposta de aumento do salário mínimo, mas quando a questão é mudar impostos e alterar a estrutura de gastos públicos, há resistências", analisou o economista.

Roberto Macedo patrocinou um dos poucos debates da primeira sessão do Fórum Nacional ao rebater o senador do PSDB paulista Fernando Henrique Cardoso, que pouco antes afirmara que a política salarial em vigor, aprovada pelo Congresso, tinha o aspecto positivo de conceder reajustes reais de 3% ao mês ao salário mínimo e com isso forçar um ajuste da economia a um novo perfil de distribuição de renda.

"Não está ocorrendo nenhum reajuste real", garantiu Macedo. "Como o aumento é concedido com base na inflação do mês anterior, não há melhoria real do piso salarial", disse o economista, que é ligado também ao PSDB. Macedo criticou ainda a promessa do próximo presidente de aumentar o mínimo em dólar. "O que temo é que

ele queira fazer os reajustes pela correção cambial. Mas se não houver uma hiperinflação nos Estados Unidos, a meta é inatingível", ironizou Macedo.

CARNIFICINA

O economista fez restrições à visão liberal do discurso de campanha de Fernando Collor de Melo. "Com o que está acontecendo no Leste, virou moda dizer que aqueles países irão para o capitalismo, para o liberalismo. Isso não existe em nenhum lugar do mundo." Macedo comparou o liberalismo clássico com a abertura de todas as jaulas de um zoológico. "Seria uma enorme carnificina. E salvar os macacos dos leões é tarefa do Estado."

Macedo perguntou como o Brasil iria abrir sua economia à competição externa, se não conta com salvaguardas protecionistas como a dos Estados Unidos. "O mercado muitas vezes falha e o grande papel da classe política é segurar esse mercado", disse. Macedo afirmou não aceitar, também, as críticas correntes contra o Welfare State, o Estado do bem-estar, em que a segurana social do cidadão é dada pela União. "No Brasil há o Estado do mal-estar", enfatizou Macedo, que citou como exemplo estudo mostrando que o pobre no País paga mais impostos que os ricos.

Já o deputado Cesar Maia, do PDT fluminense, não acredita no êxito do governo Collor de Melo e prevê o aprofundamento da crise. "Estaremos na oposição e torcendo para que não tenhamos razão", concluiu.